

A influência da educação médica na prática da automedicação entre acadêmicos de medicina

Laís Fabrício de Oliveira Cunhaⁱ

Tatiana Paschoalette Rodrigues Bachurⁱⁱ

Registro DOI: <http://dx.doi.org/10.22280/revintervol12ed1.411>

Resumo

A automedicação é definida como o uso de medicamentos e outros produtos médicos para tratar sintomas e patologias autodiagnosticadas por um indivíduo, em benefício de sua própria saúde. Com a premissa de que a automedicação é bastante prevalente entre profissionais da saúde, especialmente médicos e acadêmicos de medicina, esse estudo se propõe a analisar a influência da aquisição de conhecimento médico na prática da automedicação entre os acadêmicos de medicina. Foi conduzida busca por artigos científicos publicados entre os anos de 1998 e 2018 nos idiomas inglês, espanhol e português, utilizando os descritores automedicação/"*self medication*", "estudantes de medicina"/"*students, medical*", nas bases de dados Lilacs e MedLine, além de *guidelines* oficiais da Organização Mundial da Saúde. A busca e seleção resultaram na inclusão de 15 estudos para a construção desta revisão. Verificou-se uma tendência maior à automedicação entre acadêmicos dos semestres mais avançados do curso de Medicina. Contudo, devido a escassez de trabalhos na literatura sobre o assunto, o achado não pode ser considerado definitivo.

Palavras-chave: Automedicação. Acadêmicos de Medicina. Educação médica.

The influence of the medical education on the practice of self-medication among medical students

Abstract

Self-medication is defined as the use of medications and other medical products to treat self-diagnosed symptoms and conditions for the benefit of one's own health. In observing that self-medication is highly prevalent among health professionals, especially physicians and medical students, this study proposes to analyze the influence of the acquisition of medical knowledge on the prevalence of self-medication among medical students. This study was carried out through a narrative review using the Lilacs and MedLine databases, in addition to the official WHO Guidelines. A trend toward greater self-medication among the most advanced semesters was found in most articles analyzed, however due to the lack of studies in the literature, the finding cannot be considered definitive.

Keywords: Self-medication. Medical students. Medical education.

Recebido em 18/09/2018 Aceito em 18/02/2019

1 INTRODUÇÃO

Segundo a Organização Mundial de Saúde – OMS (2000), a automedicação pode ser definida como o uso de produtos de caráter médico para tratar sintomas e doenças autodiagnosticadas. Essa prática também inclui o uso contínuo ou intermitente de uma medicação previamente prescrita por um médico para tratar acometimentos patológicos crônicos ou recorrentes.

O ato de automedicar-se é considerado por diversos autores como uma prática de autocuidado, capaz de auxiliar, inclusive, no melhor funcionamento dos sistemas públicos de saúde, tratando de doenças mais comuns e sintomas mais simples, que teoricamente não necessitariam de auxílio médico urgente. Isso mostra que essa prática pode agregar benefícios, se for bem utilizada e possuir um suporte adequado de informações para a sua realização (OMS, 2000; ALAM; SAFFON; UDDIN, 2015; BANERJEE; BHADURY, 2012; DA FONSECA et al., 2010; KUMAR et al., 2013; JAMES et al., 2016).

Apesar do propósito positivo encontrado na aplicação adequada da automedicação, são diversos os riscos e malefícios implicados em sua prática inadequada e desenfreada, tanto para o indivíduo que se automedica quanto para a comunidade em que ele está inserido. Dentre estes riscos, podemos citar: uso inadequado dos medicamentos, interações medicamentosas, reações adversas, piora do sintoma motivador da automedicação, agravamento da patologia de base, iatrogenias e geração de cepas de microorganismos resistentes (OMS, 2000; DA SILVA, 2012). Alguns autores afirmam que o maior nível de conhecimento da população mundial, de maneira geral, através da educação e pelo nível socioeconômico, tem dado suporte para uma prática considerada bem sucedida de automedicação. Ou seja, um maior grau de instrução é considerado como fator de predisposição para um indivíduo automedicar-se, pois são necessários conhecimentos básicos essenciais para reconhecer o sintoma, procurar uma medicação e uma dosagem adequados, dentre outras informações necessárias para praticar a automedicação com o mínimo de segurança (OMS, 2000; JAMES et al., 2016; LUKOVIC et al., 2014).

A automedicação é muito prevalente entre os profissionais da saúde, especialmente médicos e acadêmicos de medicina, sendo inclusive considerado por alguns autores como um risco ocupacional (MEJÍA; RESTREPO; BERNAL, 2017; PILGER et al., 2016). Deste modo, o presente trabalho se propõe a analisar a influência da aquisição de conhecimento médico, teórico e prático, na prática da automedicação entre os acadêmicos de medicina.

2 METODOLOGIA

Esse trabalho foi escrito na forma de uma revisão de literatura do tipo narrativa, pois consiste em analisar criticamente a literatura previamente publicada em livros e artigos, de fontes confiáveis, sobre o tema estudado (ROTHER, E. T., 2007).

A busca foi realizada nas bases de dados Lilacs e Medline via Bireme e PubMed, respectivamente, utilizando os seguintes descritores automedicação/*self medication*, estudantes de medicina/*students, medical*, obtidos através do DeCS e MeSH, através da seguinte estratégia de busca: “automedicação” AND “estudantes de medicina”/“self medication” AND “students, medical”. Foram utilizados como critérios de inclusão: artigos publicados no período de 1998 a 2018, nos idiomas inglês, português e espanhol e que tratassem do tema automedicação entre acadêmicos de medicina. Foram excluídos da seleção: artigos em idiomas diferentes dos citados, aqueles publicados fora do período pré-estabelecido, que não disponibilizassem seus textos completos e artigos que não contemplassem o tema estudado. A partir da busca, foram encontrados 71 artigos, dos quais foram selecionados 21 utilizando, inicialmente, os critérios de inclusão e exclusão previamente citados. Em seguida, foi realizada a leitura dos resumos destes artigos selecionados. Como resultado dessa leitura, 15 artigos foram selecionados para a leitura na íntegra e construção desse trabalho.

Além disso, foi utilizado o “*Guidelines for the Regulatory Assessment of Medical Products for use in Self-Medication*”, obtido através do *Essential Medicines and Health Products Information Portal*, recurso oficial da Organização Mundial de Saúde (OMS).

3 DISCUSSÃO DE RESULTADOS

3.1 Uma prática de autocuidado

Em seis dos quinze trabalhos analisados, os autores vêem a automedicação como uma prática que integra o domínio das práticas do autocuidado. Sendo o autocuidado definido pela OMS (2000) como uma prática primária de saúde pública na qual o indivíduo busca tomar decisões ou praticar ações benéficas ligadas à sua saúde ou outros membros da comunidade relacionados a ele, a automedicação deveria apresentar-se como uma prática prioritariamente benéfica (OMS, 2000; ALAM; SAFFON; UDDIN, 2015; BANERJEE; BHADURY, 2012; DA FONSECA et al., 2010; KUMAR et al., 2013; JAMES et al., 2016).

No entanto, existem riscos potenciais para o praticante da automedicação que, em sua maioria, estão relacionados com a falta de informação ou de capacitação do indivíduo, em particular pela ausência ou insuficiência de conhecimentos em farmacologia e em toxicologia. Dentre os possíveis riscos, incluem-se: o diagnóstico incorreto, devido à falta de conhecimento para

identificação precisa dos sinais e sintomas da patologia, a escolha inadequada do medicamento, o desconhecimento dos efeitos adversos, a ocorrência de interações, as contraindicações da medicação escolhida, os erros na dosagem e no tempo de uso do medicamento, o aumento da resistência bacteriana ou da gravidade da patologia de base, devido às más escolhas realizadas e o acúmulo de erros prévios; dentre outros (OMS, 2000; ALAM; SAFFON; UDDIN, 2015; BANERJEE; BHADURY, 2012; DA FONSECA et al., 2010; KUMAR et al., 2013; JAMES et al., 2016).

Apesar de existirem práticas consideradas aceitáveis dentro da automedicação, como as de caráter emergencial e as para tratamento de doenças consideradas como condições menores, que se encaixam no perfil do autocuidado, têm-se o problema do uso de psicoativos, hipnóticos, antibióticos e outras medicações que podem gerar grandes riscos e malefícios ao usuário e à comunidade na qual ele se insere (MONTGOMERY et al., 2011).

3.2 Relação com o profissional da saúde

A automedicação mostrou-se altamente prevalente entre os profissionais da saúde nos estudos analisados, inclusive sendo considerada como risco ocupacional, uma vez que estes profissionais tendem a se automedicar mais do que os de outras áreas de atuação (MEJÍA; RESTREPO; BERNAL, 2017; PILGER et al., 2016).

Pilger et al (2016) observou que a prevalência da automedicação é maior entre profissionais de saúde e acadêmicos de medicina do que entre a população em geral. Essa elevada prevalência da prática de automedicação entre profissionais da saúde pode ser justificada dentre outros fatores, pela aceitação da automedicação como uma prática comum e banalizada e pela dificuldade de reconhecer-se no papel de paciente e de buscar auxílio médico adequado para si mesmo (MONTGOMERY et al., 2011; VAN DER VEER et al., 2011; LUKOVIC et al., 2014). Segundo Montgomery et al. (2011), no caso dos profissionais médicos, o costume de automedicar-se é adquirido durante os anos de faculdade, ou seja, está ligado ao processo de formação médica. A diferença entre a automedicação do profissional já formado e do acadêmico é que esse último não pode praticar a autoprescrição e precisa encontrar outros meios de obter as medicações, como direcionar o diagnóstico de outro profissional que o examine, ao relatar tendenciosamente os sinais e sintomas, por exemplo.

3.3 Automedicação e os acadêmicos de medicina

A maior parte dos estudos analisados apresentou índices de prevalência de automedicação entre os acadêmicos de medicina, nos últimos doze meses, superior a 90% e, em alguns grupos, atingindo 100% dos estudantes. Muitos desses alunos revelaram automedicar-se desde que ingressaram no curso (ALAM; SAFFON; UDDIN, 2015; DA FONSECA et al., 2010; DA SILVA et al., 2012).

A comparação da automedicação entre o curso de medicina e os demais cursos universitários é um pouco contraditória. O estudo de Da Silva et al. 2012 concluiu que a prevalência dessa prática no curso de medicina é superior aos demais cursos, enquanto no trabalho de Alam, Saffon e Uddin (2015) a tendência é oposta.

Diversas foram as justificativas apresentadas pelos acadêmicos de medicina para se automedicar, entre elas a de que a doença que os acometia era muito trivial, os sintomas não eram sérios, ou a confiança de que seus conhecimentos era o suficiente para realizar a escolha e o consumo do medicamento adequado. Além disso, o receio de que determinada condição clínica atrapalhe seu desempenho acadêmico ou de que a confidencialidade de sua consulta não seja mantida também foram apontados como impedimentos para buscar auxílio médico (MONTGOMERY et al., 2011; KUMAR, et al., 2013; LUKOVIC et al, 2014).

A prática da automedicação entre os estudantes de medicina, muitas vezes, é erroneamente embasada em conselhos de amigos e parentes, na experiência prévia bem sucedida utilizando prescrições antigas, próprias ou de amigos, ou mesmo indicação do farmacêutico no momento de aquisição da medicação na farmácia (DA SILVA et al., 2012; KUMAR et al., 2013; DE FIGUEIREDO et al., 2009; MEJÍA; RESTREPO; BERNAL, 2018).

3.4 Automedicação entre acadêmicos de medicina e o conhecimento adquirido na graduação

Os estudos que abordam algo sobre o conhecimento médico dentro da prática da automedicação trazem informações que revelam uma tendência de que existe influência desse grau instrução. Essa influência aparece claramente expressa nos maiores índices de automedicação entre acadêmicos de semestres mais avançados, especialmente do ciclo clínico, ou seja, os que já adquiriram maior conhecimento médico em sua trajetória acadêmica. Além dos índices, é apontado também que o conhecimento adquirido durante o curso de medicina aumenta o grau de autoconfiança dos acadêmicos, o que elevaria os índices de automedicação nesse grupo (BANERJEE; BHADURY, 2012; DA FONSECA et al., 2010; DE FIGUEIREDO et al., 2009;

PILGER et al., 2016; VAN DER VEER et al, 2011; LUKOVIC et al., 2014; RATISH et al, 2017).

Contudo, essa tendência não é absoluta e dois dos quinze artigos não revelaram uma diferença significativa da prevalência da automedicação entre estudantes de semestres distintos da graduação em medicina (DA SILVA et al., 2012; MEJÍA; RESTREPO; BERNAL, 2017).

A divisão de grupos foi reafirmada inclusive dentro de um mesmo estudo. James et al. (2006), em seu trabalho, revelou opiniões diversas dos estudantes de medicina. A maioria afirmou que o conhecimento médico gera o efeito de cautela na hora de automedicar-se, contudo outro grupo do mesmo estudo afirmou sentir-se empoderado pelo conhecimento e mais propenso a automedicar-se.

Os acadêmicos que estavam mais ativamente em contato com a farmacologia e seu estudo, aqueles que cursavam o terceiro ano de medicina, se mostraram menos propensos a se automedicar do que os que cursavam os demais semestres. Da mesma maneira, os alunos que estudaram mais de uma hora por dia também se automedicavam menos, fazendo uma conexão entre o maior grau de estudo e uma menor tendência à automedicação. Isso revela um desvio do padrão dentro que foi encontrado no estudo de Lukovic et al. (2014), onde os estudantes dos semestres mais avançados, que acumularam mais conhecimentos médicos, praticavam mais a automedicação do que os dos semestre iniciais.

Apesar da alta prevalência da automedicação entre os acadêmicos de medicina, os estudantes afirmam que conhecem os riscos que essa prática agrega para sua saúde e os possíveis efeitos adversos causados pelas medicações mais comumente utilizadas, conhecimento este adquirido durante seus estudos no curso de medicina (MEJÍA; RESTREPO; BERNAL, 2017; PILGER et al., 2016; MARTINEZ et al., 2012; JAMES et al., 2006).

Neste contexto, as medidas para a promoção da redução na prevalência da prática da automedicação consistem no aprimoramento do ensino médico, especialmente no que diz respeito ao conhecimento farmacológico, ampliação e melhoria do sistema de fiscalização de vendas de medicamentos, principalmente os que são vendidos sem receita, e melhoria da qualidade do acesso e do atendimento nos serviços de saúde. Facilitar e encorajar os acadêmicos a buscar auxílio médico em vez de automedicar-se também se encaixa como medida de correção (OMS, 2000; JAMES et al., 2006; VAN DER VEER et al., 2011).

4 CONCLUSÃO

A análise dos estudos selecionados demonstrou a tendência de que o grau de conhecimento adquirido durante o curso de medicina possui influência na prevalência da prática da automedicação, apesar deste achado não ser absoluto.

Foi possível concluir que, apesar de ser um assunto de extrema importância, são poucos os estudos na literatura que abordam a automedicação entre os acadêmicos de medicina, de maneira geral. Portanto, os achados são insuficientes para uma conclusão definitiva acerca de como o conhecimento influencia na automedicação entre os estudantes. Embora haja uma relação, não é possível esclarecer em definitivo como ela se dá.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALAM, N.; SAFOON, N.; UDDIN, R. **Self-Medication among Medical and Pharmacy Students in Bangladesh**. BMC Research Notes, v. 8, n. 1. 2015.
- BANERJEE, I.; BHADURY, T. **Self-Medication Practice among Undergraduate Medical Students in a Tertiary Care Medical College, West Bengal**. Journal of Postgraduate Medicine, v. 58, n. 2, p. 127. 2012.
- DA FONSECA, F. I. R. M.; DEDIVITIS, R. A.; SMOKOU, A.; LASCANE, E.; CAVALHEIRO, R. A.; RIBEIRO, E. F.; DA SILVA, A. M.; DOS SANTOS, E. B. **Frequência de automedicação entre acadêmicos de faculdade de medicina**. Diagn Tratamento, v. 15, n. 2, p.53-7. 2010.
- DA SILVA, R. C.; OLIVEIRA, T. M.; CASIMIRO, T. S.; VIEIRA, K. A.; TARDIVO, M. T.; JUNIOR, M. F.; RESTINI, C. B. **Automedicação em acadêmicos do curso de medicina**. Medicina. Ribeirão Preto. v. 45, n. 1, p.5-11. 2012.
- DE FIGUEIREDO, E. T.; DE MORAIS, A. M.; COSTA, A. M. D. D.; DE SOUZA, T. F. **Perfil dos estudantes de Medicina frente à automedicação para redução do peso**. Rev Bras Clin Med, v. 7, p.385-389. 2009.
- JAMES, H.; HANDU, S. S.; KHAJA, K. A. J. A.; OTOOM, S.; SEQUEIRA, R.P. **Evaluation of the Knowledge, Attitude and Practice of Self-Medication among First-Year Medical Students**. Medical Principles and Practice, v. 15, n. 4, p. 270–75. 2006.
- KUMAR, N.; KANCHAN, T.; UNNIKRISHNAN, B.; REKHA, T.; MITHRA, P.; KULKARNI, V.; PAPANNA, M. K.; HOLLA, R.; UPPAL, S. **Perceptions and Practices of Self-Medication among Medical Students in Coastal South India**. PLoS ONE, v. 8, n. 8. 2013.
- LUKOVIC, J. A.; MILETIC, V.; PEKMEZOVIC, T.;TRAJKOVIC, G.; RATKOVIC, N.; ALEKSIC, D.; GRGUREVIC, A. **Self-Medication Practices and Risk Factors for Self-Medication among Medical Students in Belgrade, Serbia**. PLoS ONE, v. 9, n. 12. 2014.
- MARTINEZ, J. E.; PEREIRA, G. A. F.; RIBEIRO, L. G. M.; NUNES, R.; ILIAS, D.; NAVARRO, L. G. M. **Study of Self-Medication for Musculoskeletal Pain among Nursing and Medicine Students at Pontifícia Universidade Católica - São Paulo**. Revista Brasileira de Reumatologia (English Edition), v. 54, n. 2, p. 90–94. 2014.

- MEJÍA, M. C. B.; RESTREPO, M. L.; BERNAL, D. R. **Actitudes, conocimientos y prácticas frente a la automedicación con productos herbales y psicofármacos en estudiantes de medicina de Medellín-Colombia.** Medicina U.P.B, v. 37, n. 1, p. 17–24. 2018.
- MEJÍA, M. C. B.; RESTREPO, M. L.; BERNAL, D. R. **Automedicación de analgésicos y antibióticos en estudiantes de pregrado de medicina.** Medicina U.P.B, v. 36, n. 2, p. 115–22. 2017
- MONTGOMERY A. J.; BRADLEY, C.; ROCHFORT, A. PANAGOPOULOU, E. **A Review of Self-Medication in Physicians and Medical Students.** Occup Med (Lond), v. 61, p.490–497. 2011.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS). **Guidelines for the Regulatory Assessment of Medicinal Products for Use in Self-Medication.** 2000.
- PILGER, M. C.; DOMBROWSKI, G.; REBELO, M.; TOMASI, E. **Automedicação entre acadêmicos de Medicina das Universidades Católica e Federal de Pelotas/RS.** Revista AMRIGS, v. 60, n. 1. 2016.
- RATISH, D.; WIJERATHNE, B.; BANDARA, S.; PIUMANTHI, S.; SENEVIRATHNA, C.; JAYASUMANA, C.; SIRIBADDANA, S. **Pharmacology education and antibiotic self-medication among medical students: a cross-sectional study.** BMC Research Notes, v. 10. 2017.
- ROTHER, Edna Terezinha. **Revisão sistemática X revisão narrativa.** Acta Paulista de Enfermagem, [s.l.], v. 20, n. 2, p.5-6. 2007.
- VAN DER VEER, T.; FRINGS-DRESEN, M. H. W.; SLUITER, J. K. **Health Behaviors, Care Needs and Attitudes towards Self-Prescription: A Cross-Sectional Survey among Dutch Medical Students.** PLoS ONE, v. 6, n. 11. 2011.

ⁱ Acadêmica do curso de medicina da Universidade Estadual do Ceará. E-mail para contato: lais.fabricio@aluno.uece.br

ⁱⁱ Farmacêutica, mestre em Patologia, Docente de Toxicologia, farmacologia e parasitologia na Universidade Estadual do Ceará.